

## **Etnofarmacobotânica. Metodologia de pesquisa**

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Centro de Estudos da Religião. Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Correio eletrônico: mariatherezac@terra.com.br. Web site: www.aguaforte.com/herbarium/

### **Resumen**

La Etnobotánica estudia la relación del hombre con las plantas en sus diferentes dimensiones; a su vez, la Etnofarmacobotánica estudia los remedios simples y compuestos elaborados con partes de vegetales, y que se utilizan para curar problemas físicos, mentales o espirituales. Para desarrollar una metodología de investigación en Etnofarmacobotánica es imprescindible tener en cuenta que esta disciplina aborda el tema de las plantas medicinales con actividad farmacológica y, en consecuencia, uno de los factores preponderantes para ese diseño es la interdisciplinariedad. De ahí que sea necesario recurrir a conocimientos lingüísticos para entender la cosmovisión del grupo de estudio. Otro aspecto importante para el desarrollo de la metodología consiste en establecer la relación de las plantas entre el curador y el enfermo, y así poder distinguir los elementos que participan en la eficacia terapéutica. Por otro lado, implica el conocimiento del sistema taxonómico elaborado por el grupo en estudio, es decir, cuáles son las características que utiliza para clasificar las plantas y las enfermedades. La Etnofarmacobotánica como ciencia aplica técnicas cuali y cuantitativas. El investigador debe desarrollar un trabajo de campo para comprender el punto de vista del grupo en estudio. Además, debe realizar investigaciones estadísticas que permitan interpretar, objetivamente, el uso de las plantas en las terapias aplicadas en la medicina popular. Con la aplicación de una metodología de investigación la Etnofarmacobotánica brindará conocimientos sobre plantas que aportan nuevas sustancias al medio científico y, asimismo, favorecerá el cuidado de la biodiversidad biológica y cultural de los pueblos nativos.

## **Ethnopharmacobotany. Methodology of Research**

### **Summary**

Ethnobotany studies the multidimensional relationships between man and the plants; on the other hand, Ethnopharmacobotany studies the medicines, these either simple or complex, elaborated using plants parts and which are used to cure physical, mental or spiritual disorders. In order to develop a research methodology for Ethnopharmacobotany, it is imperative to remember that this science deals with medicinal plants possessing pharmacological activity, and thus, interdisciplinary approaches become prevailing factors. Then, it might become necessary to gather linguistic knowledges to understand the culture of the human group under study. Another important feature to develop the methodology, in order to distinguish the elements of such therapeutical efficacy, is the understanding of the plant relationship between the healer and the patient. All this, on the other hand, requires the understanding of the classification system used by the human group to refer both to plants and diseases. Ethnobotany, as a science, uses both qualitative and quantitative techniques. The researcher must undertake field work, hoping to understand the point of view of the human

---

**Palabras clave:** Etnofarmacobotánica - Etnobotánica - metodología - plantas medicinales.

**Key words:** Ethnopharmacobotany - Ethnobotany - Methodology - Medicinal plants.

group in study. And he additionally has to employ statistic techniques to objectively understand the use of plants in folk therapies. Then, with the employ of methodological research, the Ethnopharmacobotany shall give us knowledges about plants capable to offer useful new compounds for Science and also, it will help to care for Biodiversity and the cultural treasures of native peoples.

Pesquisas de campo, por trinta anos trilhando os mais diversos caminhos em busca do saber popular sobre os usos das plantas nas práticas médicas que o povo adota, permitiram acumular tantas e as mais diversificadas experiências, as quais suscitaram o propósito de elaborar uma metodologia de pesquisa em Etnofarmacobotânica.

Já esboçara em meu primeiro livro *Medicina popular – Aspectos metodológicos para pesquisa*, publicado em 1985, os primeiros passos para pesquisa de campo que, agora, somados às experiências em campo, por tão longo tempo, foi possível elaborar *Etnofarmacobotânica-Conceituação e metodologia de pesquisa* (2003), pretendendo seja dirigida àqueles que se iniciam na arte de pesquisar esta importante área da Botânica, a qual se sustenta nas raízes culturais de todos os povos.

O prefixo Etno acoplado à Farmacobotânica, pressupõe idéias de caráter cultural que, subjetivamente, vão sendo construídas e partilhadas por todos os membros de um determinado grupo social, ou sejam, agrupamentos humanos onde a cultura, socialmente construída, é partilhada por todos os membros, por meio da aprendizagem (Dantas, 1997).

A noção de grupos é importante para o entendimento da dinâmica cultural urbana e rural. Exemplos de grupos que se articulam em campos semânticos próprios, a exemplo daqueles ligados a agremiações religiosas, a agrupamentos de imigrantes, a grupos indígenas, entre outros, os quais procuram manter seus padrões culturais de origem, embora podendo ocorrer mutações em tais padrões, decorrentes dos vários fatores, os quais determinam a dinâmica cultural.

Quanto ao prefixo Etno junto a disciplinas relacionadas à Botânica, destacamos a Etnoecologia, área de estudos que permite uma visão global das relações do homem com o ambiente que o cerca, representado por plantas, animais, tipos de solo e clima, entre outras coisas. Em seu desdobramento, temos a Etnobotânica visando as relações homem-planta em suas diferentes dimensões, tais como as plantas empregadas na construção de habitações, no artesanato utilitário e lúdico, na alimentação, entre

outros usos. Porém, mais especificamente a Etnofarmacobotânica, que se ocupa dos remédios simples e compostos produzidos a partir de vegetais, voltados à cura de problemas de ordem física, mental ou espiritual, conforme seja a cosmovisão médica do grupo pesquisado.

Nas sociedades de hoje, nos deparamos com dois universos culturais que se interpenetram: cultura popular e cultura hegemônica, não devendo entendê-las, porém, uma superior à outra. Uma cultura pode ser entendida como inferior, na medida em que o etnocentrismo da cultura dominante assim o determine, criando barreiras e preconceitos de toda ordem. Relacionando-as à medicina propriamente dita, teremos a medicina popular e a medicina oficial. A primeira, herança de uma medicina ancestral, caracteriza-se, fundamentalmente, por ser uma medicina calcada em padrões e valores ditados pelo consciente coletivo, cujos conhecimentos são passados por meios predominantemente orais. A medicina oficial, por sua vez, é orientada por padrões e valores reconhecidos por instituições apoiadas e controladas pelo Estado, que garantem a legitimidade dos conhecimentos médicos adquiridos.

Porém, a cultura de um povo implica, também, fatores de ordem natural, pois o homem precisa ali-

**Foto 1.-** Comércio de plantas medicinais em mercado público da cidade do Recife PE, 2003



(Foto do autor).

mentar-se, de se proteger do frio e de reproduzir, necessidades que são de ordem natural. Para o estudioso, neste caso, importa as peculiaridades dos costumes que envolvem os procedimentos adotados, assim como o papel e os significados que os grupos sociais atribuem a estes fatos. Na ordem natural se enquadra tudo que está ligado à natureza, passível de ser analisado objetivamente, enquanto na ordem cultural estão elementos de caráter subjetivo, construídos segundo os padrões culturais dos grupos sociais (Lévy Strauss, 1989).

Por estar tratando de plantas medicinais com atividades farmacológicas, a interdisciplinaridade é um dos fatores preponderantes para a realização de pesquisas de Etnofarmacobotânica. É o meio pelo qual se pode buscar uma interpretação explicativa dos significados que os grupos atribuem aos papéis das plantas e seu envolvimento em diferentes situações da vida do homem e de seu grupo social.

Disciplinas passíveis de serem envolvidas nas pesquisas funcionam como suportes, devendo o pesquisador recorrer aos especialistas, de forma a permitir uma correta interpretação dos fatos a serem analisados.

Importantes, também, são os aspectos lingüísticos com os quais o pesquisador se depara. Na lingüística, os etnobotânicos podem se apoiar para entender os sistemas de comunicação, visando apreender a visão de mundo do grupo em estudo, ao coletar as histórias orais, constituídas de lendas, de provérbios e, sobretudo, de mitos.

Está na palavra articulada a linha de demarcação entre cultura e natureza. A linguagem, passível de ser entendida e de ser traduzida, é cultural, sendo que é por meio dela que assimilamos a cultura de nosso grupo social. A criança aprende sua cultura porque falamos com ela (Lévy-Strauss, 1989).

Pesquisando o papel das plantas psicoativas, entendidas como plantas mágicas, observamos que, quando em rituais, podem despertar no homem, sob sua ação, verbosidade e fluência oral, propiciando uma comunicação com o sobrenatural, o mundo que ele cria, onde vai buscar as respostas às indagações sobre curas de doenças do corpo e do espírito e transmiti-las ao grupo.

A interpretação científica da ação no Sistema Nervoso Central de plantas psicoativas pode ser uma das preocupações do pesquisador.

A psicoatividade de certas plantas pode fazer desencadear os significados culturais que permeiam

**Foto 2.-** Transe em ritual religioso de religião afro-brasileira, 2003



(Foto do autor).

todo o ritual de cura (Montiel, 1988), permitindo uma interpretação dos papéis das plantas nas mais diferentes situações ritualísticas.

No sobrenatural, o curador vai buscar inspiração para seu discurso, em cujo conteúdo estão os signos lingüísticos reconhecidos pelo grupo. É na palavra imbuída de poder de convicção, a eficácia simbólica do ritual de cura, que pode estar em quatro elementos básicos:

- a. Na palavra articulada pelo curador.
- b. Na crença do curador na eficácia de suas técnicas.
- c. Na crença do doente nos poderes do curador.
- d. No consenso (confiança expressa por todo o grupo, sobre os poderes do curador) (Lévi-Strauss, 1975).

A eficácia terapêutica pode ser determinada por dois elementos básicos:

- a. De ordem objetiva, referente aos princípios ativos que as plantas encerram.
- b. De ordem subjetiva, atribuída à fé que alimenta a esperança de cura.

Importante para o pesquisador, também, é conhecer o sistema taxonômico elaborado pelo grupo pesquisado, visto que muitas culturas têm seus sistemas de classificação das plantas, baseados em critérios que diferem daqueles conhecidos no meio acadêmico.

Algumas vezes é por meio da observação das características morfológicas de cada planta e de seu desenvolvimento, que grupos indígenas são capazes de captar os valores medicinais, dando a elas nomes que lembram suas propriedades, a exemplo de plantas psicoativas, cujos nomes em língua timbira de índios Krahô, no Brasil, correspondem às suas propriedades que, tais como: “para temperar a cabeça!”, “para ficar mais lento” (Rodrigues, 2001).

Outros grupos sociais, tais como os agrupamentos religiosos que utilizam-se de plantas em rituais propiciatórios e de cura, têm, também, seus próprios sistemas classificatórios, considerando, ainda, os sistemas de classificação das doenças.

Conhecer esses sistemas é importante, a fim de se poder entender o papel das plantas nos processos médico-terapêuticos adotados pelos grupos.

Devemos nos lembrar que a Etnobotânica, considerada o casamento da Etnologia com a Botânica, foi por muito tempo considerada disciplina de caráter não científico por tratar de questões puramente subjetivas, envolvendo a relação homem-planta, apenas em seu significado cultural. Porém, com a adoção das técnicas qualitativa e quantitativa nas metodologias aplicadas, esta área da Botânica vem trazendo grandes contribuições ao meio científico.

Está no emprego da técnica qualitativa a importância da Etnografia, caracterizada pela presença do pesquisador em campo, de forma a permitir-lhe apreender o ponto de vista dos outros, partilhando sua realidade (Boumard, 1999). É, somente, quando em campo que o pesquisador tem a oportunidade de descrever tudo que vê e ouve, de forma a reunir subsídios de grande importância quando da interpretação e explicação dos fatos observados.

A técnica quantitativa baseada na linguagem matemática permite dados estatísticos, visando o conhecimento objetivo passível e verificação e de comprovação empírica sobre o objeto de sua pesquisa. Por meio da quantificação, será possível agrupar os

**Foto 3.-** Entrevista com “juremeiro”



Indivíduo que se utiliza do “vinho da Jurema”, à base de *Mimosa hostilis* Benth. (Leguminosae, Mimosoideae), em rituais de cura.

dados levantados e construir tabelas que servirão de base para os tratamentos estatísticos, podendo-se determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, como, também, a margem de erro de um valor obtido (Gil, 1999).

Com base no conhecimento científico dos valores das plantas medicinais empregadas, os dados estatísticos poderão oferecer de modo objetivo, subsídios que permitam compreender seus usos nas terapias aplicadas na medicina popular. Importante lembrarmos que os dados objetivos podem estar calcados nas idéias subjetivas presentes nas descrições dos quadros nosológicos apresentados pelos informantes. Daí a importância das técnicas qualitativa e quantitativa caminharem juntas, visto se estar lidando com significados culturais.

Assim, Etnofarmacobotânica vem oferecendo grandes contribuições ao meio científico:

- a. na descoberta de substâncias de origem vegetal com aplicações na medicina e indústrias, devido ao crescente interesse pelos compostos químicos naturais;
- b. em busca do conhecimento e preservação de drogas vegetais e seu efeito no comportamento individual e coletivo dos usuários, frente a determinados estímulos culturais ou ambientais;
- c. em busca do reconhecimento e preservação de plantas potencialmente importantes em seus respectivos ecossistemas;
- d. voltada à documentação do conhecimento tradicional e dos complexos sistemas de manejo e conservação dos recursos naturais dos povos tradicionais (Albuquerque, 2002).

Pesquisas entre os índios Krahô, pertencentes ao tronco macro-jê, da família jê e língua timbira, ao norte do Estado do Tocantins, região de cerrado, já mencionados, permitiram identificar 167 espécies vegetais usadas com fins medicinais, todas nativas da flora brasileira. Desse total, 138 tem algum tipo de influência sobre o sistema nervoso central, sendo plantas que podem promover alterações comportamentais de humor ou cognição, ou, ainda para aumentar a força, usada em competições. Com essas 138 espécies, são preparados 298 receitas usadas em 51 tipos de indicações terapêuticas, destacando que uma planta pode ser usada para mais de uma finalidade, conforme foi documentado pela pesquisa.

Deduz-se desta pesquisa, a importância de se resgatar das comunidades indígenas ou, mesmo, dos descendentes de suas respectivas etnias, esse saber sobre as plantas que curam, enquanto tal conhecimento é, ainda, resguardado pelos grupos. Neste sentido, buscando resgatar essa cultura por nós mesmos desprezada, trabalho semelhante foi desenvolvido na Argentina por Chifa e Ricciardi (2001), junto a habitantes da região chaquenha, para o levantamento das plantas de uso na medicina vernácula por indígenas das etnias Toba, Wichi e Mocoví que, em número aproximado de 30.000, habitam atualmente, o Chaco. A publicação desta importante pesquisa, transcrita em castelhano e nos idiomas das respectivas etnias, constitui em mais uma importante contribuição à comunidade científica voltada ao conhecimento da flora medicinal de nosso continente.

### Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Carlos Chifa, Professor Titular de Farmacobotânica da Facultad de Agroindustrias, Universidad Nacional del Nordeste, Argentina, especialista em Etnofarmacobotânica, pela preciosa colaboração, cujas sugestões foram transcritas dos inúmeros diálogos mantidos durante a elaboração de *Etnofarmacobotânica-Conceituação e metodologia de Pesquisa*.

À doutora em Antropologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Rita Amaral, por ter acompanhado todo o processo de elaboração da referida metodologia, com

leituras críticas e discussões sobre o tema, de forma a tornar o texto bastante objetivo.

Aos Professores Doutores Maria Luiza Faria Salatino e Antonio Salatino, do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, pela leitura cuidadosa e crítica do manuscrito, assim como pelas sugestões que permitiram o enriquecimento da redação final do texto.

### Referências bibliográficas

- Albuquerque, U.P. (2002). *Introdução à Etnobotânica*. Bagaço, Recife.
- Boumard, P. (1999) "O lugar da Etnografia nas epistemologias construtivistas". *Revista de Psicologia Social e Institucional* Vol.1(2) novembro [on line] <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm>> [Consulta: 4 de Julho de 2002].
- Camargo, M.T.L.A. (2003). *Etnofarmacobotânica. Conceituação e metodologia de Pesquisa*. Humanitas, FFLCH. Universidade de São Paulo, São Paulo, Terceira Margem Editora Didática.
- Chifa, C. y Ricciardi, A.I. (2001). Plantas de uso en medicina vernácula del centro del Chaco Argentino. *Micelánea* 117, Fundación Miguel Lillo.
- Dantas, B.G. (1997). *Xocó (Grupo indígena em Sergipe)*. Aracaju: s/ed.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. Atlas, São Paulo.
- Lévy-Strauss, C. (1975). *Antropologia estrutural*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Lévy-Strauss, C. (1989). *Arte, Linguagem, Etnologia* (Entrevistas com Lévi-Strauss). Papirus, Campinas.
- Montiel, O.G. (1988). "Alucinógenos y chamanismo: consideraciones sobre el poder del lenguaje y el lenguaje del poder". En: *Memorias del Segundo Coloquio de Medicina Tradicional - Un saber en recuperación*. Escuela Nacional de Estudios Profesionales Zaragoza, UNAM.
- Rodrigues, E. (2001). *Usos rituais de plantas que indicam ações sobre Sistema Nervoso Central pelos índios Krahô, com ênfase nas psicoativas*. Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo Escola Paulista de Medicina, para a obtenção do título de Doutor em Ciências, São Paulo.